



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MARIA ALCILENE DA SILVA**

**AVALIAÇÃO COTIDIANA NA ESCOLA**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2008**

**MARIA ALCILENE DA SILVA**

# **AVALIAÇÃO COTIDIANA NA ESCOLA**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2008**



5586a Silva, Maria Alcilene da.  
Avaliação cotidiana na escola / Maria Alcilene da  
Silva.- Cajazeiras, 2008.  
43f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2008.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Avaliação escolar. 2. Prática pedagógica. 3. Escola.  
4. Avaliação cotidiana. I. Lima, Maria Janete de. II.  
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de  
Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.26

**Maria Alcilene da Silva**

**Avaliação Cotidiana na Escola**

Aprovada em 05 de Abril de 2008.

*Maria Janete de Lima*

---

Ms. Maria Janete de Lima

Professora Orientadora

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS • PARAIBA

## **Dedicatória**

A meu esposo Antonio e aos meus filhos que sempre estiveram presentes comigo, que torceram e contribuíram na realização deste sonho. E por serem a razão da minha vida.

## **Agradecimentos**

### **A Deus**

É tão difícil Senhor, colocar em palavras quatro anos de cuidado e fidelidade. Hoje, venho neste momento tão singular de minha vida, agradecer porque todos os meus passos foram firmados por Ti. Em meio a tantos momentos de aulas, trabalhos e provas a Tua mão esteve estendida sobre mim, e pude contemplar Tua graça. Durante esse período, diante das dificuldades, dúvidas e desafios, eu sabia que Tu estavas me protegendo. E agora, ao olhar para trás tenho a certeza de que Tu sempre esteves presente em meus sonhos e caminhos futuros. A Ti, Pai, o meu sincero agradecimento.

### **A meu companheiro e meus filhos**

Ao longo desta caminhada, por muitas e muitas vezes, motivada pela fragilidade humana, pensei em parar, desistir. No entanto, minha família sempre esteve presente, incentivando-me com sua companhia, sorrisos, palavras e até mesmo ausência me mostrou que devia sempre seguir em frente. Este momento – esta VITÓRIA – não estaria completo sem vocês para compartilhar a minha felicidade. Recebam, pois, a minha imensa gratidão, reconhecimento e lembrança de que os méritos dessa conquista também são de vocês.

### **Aos Mestres**

Uma pergunta vem à consciência: E agora? Agora é reconhecimento por aqueles que podemos chamar de Mestre. Feliz de quem tem o reconhecimento de receber as sábias orientações de um Mestre. Reconhecemos o seu valor não apenas por sua bagagem de conhecimento adquiridos, suas aulas interessantes ou seus títulos importantes. Embora saibamos que tudo isso é de grande importância. Sabemos também que um verdadeiro Mestre é um verdadeiro Aprendiz. Contemplo aqui a todos que nos proporcionaram vivências e aprendizagens significativas, pois foram essenciais em muitas de nossas decisões pessoais. Cada um de nós passou por alguns desses momentos e de uma forma integrada, procuramos e continuaremos refletindo o positivo, cada um a sua maneira. Pois acredito que este seja o maior reconhecimento de um discípulo ao seu Mestre: colocar em prática, da melhor maneira possível, o que conseguiu aprender.

### **Aos amigos e colegas**

A realização de um sonho, uma nova etapa de desfecho da vida acadêmica, o qual se traduz em uma grande caminhada para atingir o objetivo maior. Como em toda caminhada, há sempre obstáculos, frustrações e tristezas, como também conquistas, companheirismo, alegrias e vitórias que superam os primeiros em tamanha proporção, que daqueles só lembramos para ter forças para transpô-los. E neste momento de imensa alegria congratulo aos colegas, esses grandes amigos que estiveram comigo, desde o início. E no decorrer do curso, laços fortes de amizade foram se firmando, amigos que estiveram presentes nos momentos de tristezas, frustrações, dúvidas e que ajudaram a superar, e com os quais dividi também as alegrias, conquistas e esta VITÓRIA.

## RESUMO

Este trabalho tem por tema Avaliação Cotidiana na escola e revela-se como tentativa de contribuir com os professores e sistema escolar ajudando-os a compreender a avaliação como um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho do professor e da escola como um todo e no sentido de que pratique uma ação didático-pedagógica, com o conseqüente bem estar do aluno ao alcance de resultados compensadores da aprendizagem. Busca-se também, sensibilizá-los no que diz respeito às mudanças na forma de avaliar. Mostrar que a avaliação deve ser colocada a serviço de uma maior aprendizagem, o mais importante não é avaliar, e sim avaliar bem. É necessário ter clareza em relação ao papel da avaliação no processo ensino-aprendizagem e verificar constantemente se ela estiver contribuindo para a melhoria desse processo. Dessa forma a avaliação não pode ser um problema só de medidas, mas, sobretudo de compreensão. Avaliar-se para compreender fazer os ajustes necessários e melhorar o resultado. Nesse sentido a avaliação baseia-se na perspectiva da estruturação do conhecimento, entendendo-se a ação de avaliar como processual e revelador das possibilidades de construção de um processo educativo mais dinâmico. Quando utilizada como instrumento de compreensão de estágios de aprendizagem em que o aluno se encontra e não como uma função classificatória: promover o aluno pela "nota". O estudo foi realizado na Escola Municipal Laurentino José da Silva, na cidade de Mato Grosso - PB.

**Palavras-chave:** avaliação contínua; ensino-aprendizagem; aluno; escola; professores.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	07
CAPÍTULO I .....	10
1. A AVALIAÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA. ....	10
1.1 CONCEITOS DA AVALIAÇÃO .....	14
1.2. AVALIAÇÃO E PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	17
1.3. AVALIAÇÃO NOS PCN'S E NA LDB.....	25
CAPÍTULO II - ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	27
2.1 .ESTUDO DE CASO.....	27
2.2. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES.....	29
2.3. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DO ALUNO.....	30
2.4 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DO GESTOR.....	31
2.5. ANÁLISE DO ESTÁGIO .....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
ANEXOS .....	40



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o tema sobre avaliação cotidiana na escola. Observando as formas de avaliação existente no processo educativo, que é um tema bastante rico. É um tema de interesse, por ser, a avaliação, parte integrante e fundamental para se ter a noção exata do aprendizado do alunado; por meio dela o professor fica sabendo como está a aprendizagem dos alunos, os limites e avanços, e assim obter indícios para refletir e melhorar a sua própria prática pedagógica.

A avaliação serve para os professores e alunos como instrumento de diagnóstico de sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a sua aprendizagem; e para o professor, poderá contribuir para uma análise reflexiva, no sentido de avaliar a eficácia do seu desempenho. Ajudando-os a compreender a avaliação como um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes aos alunos, destacaram-se os seguintes objetivos: identificar os métodos de avaliação utilizados pelos professores para conduzir o ensino-aprendizagem; analisar se a avaliação está sendo satisfatória, ou seja, identificar até que ponto a avaliação está identificando os avanços e limites do processo de construção do conhecimento nos seus alunos; identificar novas técnicas de avaliação que transporte à um maior rendimento e desenvolvimento das potencialidades dos alunos no processo ensino-aprendizagem; investigar o tema avaliação escolar e suas contribuições no processo de aprendizagem dos alunos.

Tendo em vista mudanças esperadas, afim de que haja condições de decidir, sobre alternativas do planejamento do professor e da escola como um todo e, no sentido de que pratique uma ação didático-pedagógica, com o conseqüente bem estar do aluno ao alcance de resultados compensadores da aprendizagem.

Este trabalho foi desenvolvido com base num estudo de caso almejando aprimorar as idéias dos problemas encontrados nas formas avaliativas. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Laurentino José da Silva, com alunos da 2º ano do Ensino Fundamental, no total de treze alunos. Baseando-se em informações sobre meios de avaliação, se enquadrando

aos moldes da pesquisa bibliográfica foram utilizados, para abranger o leque sobre avaliação escolar, livros de leitura corrente e algumas obras de divulgação.

A principal vantagem desta pesquisa reside no fato de permitir ao investigador a descoberta de uma gama de fenômenos, o que o ajudará a resolver os problemas enfrentados e desenvolver os objetivos mais ou menos definidos.

A coleta e análise dos dados foram realizadas através da aplicação de questionários aos professores do Ensino Fundamental com o propósito de saber quais os métodos utilizados pelos mesmos para avaliar seus alunos.

Este trabalho, em seu capítulo I, se divide em 4 sub-capítulos: No 1.1 relata a história da avaliação desde os tempos primitivos aos dias atuais, bem como métodos avaliativos do processo ensino-aprendizagem.

No 1.2 faz referência aos conceitos de avaliação, relatando o posicionamento dos professores acerca da mesma. Também é abordado nesse capítulo as várias formas de se perceber o processo avaliatório, seja ela tradicional ou dentro de uma perspectiva progressista, nas visões de Luckesi e Hoffmann, onde fica explícito que “ a avaliação tem sido também, um processo unilateral, cabendo apenas ao professor o conhecimento de seus procedimentos e critérios”.

No 1.3 trata de avaliação e prática pedagógica nas escolas públicas brasileiras dando ênfase ao modo como a avaliação ocorre e os critérios para que se refere a sentimentos, modo de vida, visão de mundo e sentimentos, modo de vida, visão de mundo e sentimentos, uma vez que a avaliação deve subsidiar o trabalho pedagógico.

No 1.4 faz abordagem da avaliação existente nos PCNs e na LDB, já que aqui é encarada como um meio para acompanhar o desenvolvimento do aprendizado do aluno, fazendo parte do processo educacional. Para isto, é preciso que ocorra melhoria na prática educacional para que haja o desenvolvimento do aluno no que se refere a visão crítica do que se passa ao seu redor e de como se deve conceber a avaliação da aprendizagem.

No capítulo II consta da análise dos questionários e análise do estágio e se subdivide em: metodologia, análise dos questionários e análise do estágio. No capítulo III tem-se as considerações finais.

# CAPÍTULO I

## 1 A avaliação ao longo da história

Desde os tempos primitivos, em algumas tribos, os jovens só passavam a serem considerados adultos após terem sido aprovados em uma prova referente aos seus usos e costumes. Há milênios atrás, chineses e gregos já criavam critérios para selecionar indivíduos para assumir determinados trabalhos (Vasconcelos, 1993). Na China, em 360 a.C devido a este sistema de exames, todos os cidadãos tinham a possibilidade de alcançar cargos de prestígio e poder. Na Grécia, Sócrates, sugeria a auto-avaliação - O Conhece-te a ti mesmo - como requisito para chegar à verdade (Soeiro & Aveline, 1982).

Uma outra forma de avaliação era realizada através de exercícios orais utilizados pelas universidades medievais e mais tarde pelos jesuítas. Na idade média, as universidades tinham como objetivo principal a formação de professores. Os alunos que completavam o bacharelado precisavam ser aprovados em um exame para poder ensinar e os mestres só recebiam o título de doutor se lessem publicamente o Livro das Sentenças de Pedro Lobardo ou posteriormente se defendessem tese (Soeiro & Aveline, 1982).

A avaliação começa a assumir uma forma mais estruturada apenas depois do século XVIII, onde começaram a serem formadas as primeiras escolas modernas, os livros passaram a serem acessíveis a todos e criaram-se as bibliotecas. Nesta época devido a utilização de exames como forma de avaliação, esta ficou associada à idéia de exames, notação e controle.

Todos estes fatos históricos no campo da avaliação deram origem a sua conformação atual. Ainda hoje existe certo conflito entre a utilização de métodos quantitativos ou qualitativos que coloca na discussão a real finalidade da avaliação, configurando-se dessa maneira uma questão filosófica.

Hoffmann (1998) apresenta a ambivalência de comportamento na professora do primeiro e segundo ciclo do fundamental, que enquanto se mostra de um lado afetuosa, alegre, atenciosa com o aluno, exerce o autoritarismo agressivo ao rabiscar de vermelho os erros

que se por ventura os mesmos tenham cometido. Estabelecendo-se então a cultura dos rótulos. Separando aqueles que ingressam na escola com muitos "saberes e experiências", dos que necessitariam da escola para proporcionar-lhes as oportunidades que a vida lhe impossibilita pelos mais variados motivos.

Sáimos, pois, de uma cultura baseada no pressuposto da avaliação como o centro do processo onde as preocupações fundamentais eram: o conteúdo da prova, a aprovação ou reprovação do aluno e de como se recupera a nota, para um processo em que o ato de aprender é o centro e o aluno o sujeito desse processo,. E o objetivo fundamental da avaliação é melhorar a aprendizagem. Assim considerada a avaliação como um instrumento de melhoria humana: melhoria pessoal, profissional, educacional, social e artística.

A observação contínua feita pelo professor, do trabalho do aluno, é um dos métodos de maior eficácia para ambos, pois o aluno tem a possibilidade de demonstrar todo seu conhecimento e o professor tem maiores chances de avaliar seus alunos de acordo com suas potencialidades.

Quando se faz um trabalho sistematizado, organizado e criterioso, tende-se a obter bons resultados. Para tanto, é preciso "mudar" a mentalidade dos educadores que usam a avaliação como um instrumento classificatório, restrito a provas e testes de final de bimestre. A escola não pode fragmentar a aprendizagem do aluno em matérias, nem deve comparar um aluno com o outro.

Segundo Lima (1996);

“... o instrumental provas e testes têm sua origem justamente no contexto da apropriação e/ou divisão de poder e que, desta forma, o âmago da discussão está em desvendar os mecanismos do exercício de poder e, conseqüentemente da liberdade, do ser e fazer sociais”. (Lima, 1996, p.31)

Os métodos de avaliação usados pelos professores são métodos que visam o melhor do aluno. Eles conduzem o aprendiz na sala de aula interagindo e discutindo os temas abordados, considerando toda e qualquer produção do aluno. O ensino deve acontecer de

forma instigante e reflexiva, levando ao aluno a perspectiva de submeter-se aos temas trabalhados.

A avaliação é feita de forma qualitativa, onde todos participam para a construção de uma formação humana digna, capaz de inventar o seu eu próprio, desenvolvendo uma consciência social e capacidade autocrítica. Para isso, é preciso que se leve em conta vários aspectos: a ação formativa dos professores para que eles pensem além da ação informativa, observando a existência da consciência política que leve a organização da cidadania; a participação dos alunos para se perceber até onde eles são meros objetos de ensino; também é necessária uma adequação no material didático para a formação política crítica do estudante e capacidade político-pedagógica do professores.

De acordo com Demo (1987);

“... A avaliação qualitativa é um processo educativo autêntico, preciosamente por não colocar a relação mestre/discípulo, mas mestre/mestre, onde ambos os lados se educam e auto-educam”. (Demo, 1987, p.56)

A qualidade da aprendizagem do aluno abrange a dimensão da consciência, da precisão e da extensão do conhecimento, para além da divisão disciplinar. Tanto o aluno quanto o professor precisam de tempo para desenvolver os conhecimentos necessários sobre um determinado tema.

Segundo Sant’anna (1995);

“A avaliação também tem como pressuposto oferecer ao professor oportunidade de verificar se as atividades, métodos, procedimentos, recursos e técnicas que ele utiliza estão possibilitando que o aluno alcance os objetivos propostos” (Sant’anna, 1995, p.24).

Todo ser humano sempre está avaliando as coisas sob a ótica de seus preconceitos. Muitos métodos de avaliação foram testados ao longo do tempo na educação brasileira, o que

reflete a necessidade sempre de encontrar a melhor maneira de avaliar o alunado. Faz-se necessário que métodos arcaicos de testes e provas sejam complementados com um processo de avaliação continuada.

Muitas das práticas avaliativas feitas no decorrer da vida estudantil do professor vêm a ser utilizadas por seus alunos, sem muito interesse de avaliar de outra forma. Deve-se ter consciência de que educar e avaliar se correlacionam, sendo necessário que o professor procure um método avaliativo justo para a educação e não querer impor um comportamento tido como “ideal” isto faz com que o aluno seja limitado quanto ao desenvolvimento de sua autonomia moral e intelectual.

De acordo com Hoffmann (1995);

“Contrariamente, acontece, com professores de pré-escola e séries iniciais, uma grande dificuldade em enfrentar as exigências burocráticas da escola e reduzir suas observações e notas, ou conceitos, pareceres finais, ou listas de comportamento.” (Hoffmann, 1995, p.44)

Professores dos anos iniciais do ensino fundamental têm a possibilidade de reunir inúmeras e consistentes informações sobre o desenvolvimento intelectual de seus alunos. O acompanhamento que se dá na escola muitas vezes não ocorre em função da construção de conhecimentos, mas do cumprimento de tarefas. Em vez de fragmentar, é preciso incentivar a interação do aluno no processo de ensino-aprendizagem, onde cada um tem algo a ensinar para o outro, sendo a avaliação um elo entre a sociedade, as escolas e os estudantes.

“A postura do professor frente às alternativas de solução construídas pelo aluno deveria estar necessariamente comprometida com tal concepção de erro “construtivo”, o que significa considerar que o conhecimento produzido pelo educando, num dado momento de sua experiência de vida, é um conhecimento em processo de superação”. (Hoffmann, 1995, p.67)

Todo ser humano tende a aprimorar a sua forma de ver o mundo, enfrentando obstáculos, muitas vezes errando, mas acima de tudo, aprendendo com seus próprios erros. Não somente cabe ao professor vivenciar e contribuir com o crescimento da criança, mas também de todos que o cercam, principalmente a família. Devem-se procurar meios que tornem a avaliação não somente um emaranhado de notas por provas, mas uma forma de avaliação contínua.

Para Hoffman "(...) A avaliação na perspectiva de uma pedagogia libertadora, é uma prática coletiva que exige a consciência crítica e responsável de todos na problematização das situações". (1995, p.12)

Baseando-se no que foi exposto sobre a avaliação cotidiana escolar, pode-se concluir que a avaliação deve ser um método contínuo e sistematizado, onde se considera toda e qualquer produção do aluno, observando as condições dos mesmos para que possam chegar a estágios mais avançados de aprendizagem. Também cabe lembrar que o professor está inserido no processo avaliativo antes mesmo do ano letivo começar. Ele planeja as atividades de acordo com as necessidades de cada aluno para que o mesmo possa alcançar os objetivos almejados.

### **1.1 Conceitos de Avaliação**

A avaliação sempre foi uma prática constante na vida do ser humano, sobretudo porque, para tudo que faz, é preciso se fazer uma reflexão ou uma avaliação constante. Em relatos feitos por professores, constata-se uma contradição entre as intenções e o processo efetivamente aplicado, na busca de uma definição ou de um posicionamento a cerca da avaliação. Certamente tal contradição nasce da auto-censura gerada pelo descompasso, entre uma imagem idealizada da avaliação, encontrada em teorias atuais e a realidade cotidiana das escolas as quais estão condicionadas.



Talvez por esse motivo, é que há tantas concepções de avaliação. Entre estudiosos do tema, percebe-se uma interminável discussão, seja pelo monopólio da verdade, seja pela tentativa da precisão do conceito, o que fez surgir uma variação conceitual muito ampla.

É verdadeiro afirmar que existem várias formas de se perceber a avaliação do processo ensino-aprendizagem, uma vez que esta pode ser percebida de forma tradicional ou dentro de uma perspectiva progressista.

Numa concepção tradicional a avaliação da aprendizagem pode ser concebida como autoritária e conservadora, destacando a importância das medidas de dimensões ou aspectos quantificáveis, considerando a importância da periodicidade do processo de avaliação e do regime de seus resultados, especialmente nos momentos terminal, como de uma unidade, série, curso, etc. A avaliação tem uma função de classificação, sempre se referenciando em padrões socialmente aceitáveis, destacando a avaliação como um julgamento de valor, com base em padrões consagrados.

Na proposta educativa tradicional a avaliação privilegiada a memorização dos conteúdos curriculares numa escola pouco preocupada com a análise crítica reflexiva, com a construção do conhecimento e exige quase sempre assimilação e fixação dos conteúdos via memorização. A avaliação nesse aspecto tem caráter quantitativo.

A escola tradicional explorou como mais ênfase a memorização em busca do acúmulo de informações em grande parte sem muito significado para os alunos. Quem não lembra dos “questionamentos”, usados nas aulas de Geografia e História, enfatizando a memorização repetitiva e automática.

A avaliação quantidade, na ótica de Luckesi (1990), usualmente adotada na maioria das escolas é também responsável pela repetência e evasão escolares que excluem e marginalizam. É preciso ter claro que os conteúdos curriculares constituem recursos auxiliares no desenvolvimento das habilidades e atitudes básicas e não um fim em si.

A prática avaliativa escolar, em geral tem evidenciado a hegemonia da avaliação de cunho classificatório – “aprovado” ou “reprovado” – com relevância na qualidade de conteúdos acumulados individualmente pelo aluno e não na qualidade do ensino e da aprendizagem e nas inúmeras variáveis que interferem nesses processos. A avaliação tem sido também, um

processo unilateral, cabendo apenas ao professor o conhecimento de seus procedimentos e critérios (Hoffmann, 1998).

A avaliação da aprendizagem escolar, além de ser praticado com tal independência do processo ensino-aprendizagem, vem ganhando foros de independência da relação professor-aluno. As provas e exames são realizados conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino. Nem sempre se leva em consideração o que foi ensinado. Mas importante do que ser uma oportunidade de aprendizagem significativa, a avaliação tem sido uma oportunidade de prova de resistência do aluno aos ataques do professor. As notas são operadas como se nada tivesse a ver com a aprendizagem. Segundo Luckesi (2003:23) “As médias são médias entre números e não expressões de aprendizagens bem ou mal sucedidas”.

Ainda de acordo com Luckesi (2003), no que se refere à aprovação ou reprovação, as médias são mais fortes do que a relação professor-aluno. Por vezes, um aluno vai ser reprovado por “décimos” então conversa com o professor sobre a possibilidade de sua aprovação e este responde que não há mais possibilidades, uma vez que os resultados já se encontram oficialmente na secretaria do estabelecimento de ensino, então a responsabilidade já não está mais em suas mãos, ou seja, uma relação entre sujeitos: professor e aluno, passa ser uma relação entre coisas: as notas.

Como se pode perceber, hoje, a escola não está usando o castigo físico explícito, mas aquele castigo muito mais sutil, o psicológico, muito mais pesado e significativo o qual é fundamentado através do medo. A avaliação da aprendizagem nessa ótica exerce seu papel por meio de ameaça. Essa pedagogia sobre a qual vivemos em nossas escolas possui muitas conseqüências.

Pedagogicamente, não auxilia a aprendizagem dos alunos, psicologicamente, é útil para desenvolver personalidades submissas; socialmente, a avaliação da aprendizagem utilizada de forma fetichizada, é bastante útil para os processos de seletividade social. No caso, a avaliação está muito mais articulada com a reprovação do que com a aprovação e daí vem a sua contribuição para a seletividade social, que já existia independente dela.

Por outro lado, na concepção progressista a avaliação da aprendizagem é visto como: um método de coleta e de processamento dos dados necessários à melhoria da aprendizagem e

do ensino. A avaliação inclui uma grande variedade de dados superiores ao rotineiro exame escrito final. A avaliação é um sistema de controle de qualidade pelo qual se pode determinar a cada passo do processo ensino aprendizagem, se este está sendo eficaz ou não, e caso não esteja, indica que mudanças devem ser feitas. A avaliação auxilia no esclarecimento das metas e dos objetivos educacionais importantes na medida em que o desenvolvimento do aluno está se processando na maneira desejada.

A avaliação é um instrumento na prática educacional que permite verificar se os procedimentos alternativos são igualmente eficazes na conclusão de uma série de objetivos educacionais.

Como se pode observar, os autores citados apresentam uma concepção abrangente de avaliação. No seu conceito, a avaliação é um método, um instrumento; portanto, ela não tem um fim em si mesmo. Mas é sempre um meio, um recurso, e como tal deve ser usada. O que mais chama atenção nessa abordagem é que os autores dão uma ênfase especial à avaliação como forma de controle de qualidade, isto é, como um meio para aperfeiçoar o processo ensino-aprendizagem.

## **1.2 Avaliação e Prática pedagógica**

Na escola pública brasileira de um modo geral, pode-se dizer que o processo avaliativo se constitui em uma prática que utiliza um juízo de valor para determinar o grau de aprendizagem do aluno. Por ser um processo baseado em juízo de valores é altamente deficitário no momento de avaliar a criança. O seu respaldo teórico assenta-se em valores subjetivos restrito apenas aos exames e aos trabalhos que o aluno realizou. Se por acaso ele não se der bem nos exames, então será considerado fracassado e, portanto, será obrigado a repetir o ano até conseguir os valores necessários para sua aprovação.

Tomando como exemplo o argumento acima, percebe-se que na escola os professores são todos responsáveis por essa prática de juízo de valor. No entanto, não se pode levar em conta um desempenho em um momento particular do aluno, porque, nesse caso, “o

Professor interpreta o que vê a partir de suas experiências de vida, sentimentos, teorias” (Hoffmann, 1998). No processo de avaliação deve existir uma relação entre o avaliador e o avaliado, e que o avaliador leve em consideração as expectativas, o modo de vida, a visão de mundo e os sentimentos do aluno.

Na visão Vasconcelos (1993),

A avaliação em Educação significa desenvolver algo em termos de atributos selecionados e julgar o grau de aceitabilidade do que foi descrito. O algo que deve ser descrito e julgado pode ser qualquer aspecto educacional, mas é, tipicamente: a) um Programa Escolar; b) Um Procedimento Curricular; o comportamento de um indivíduo ou de um grupo. (Vasconcelos, 1993:17)

Como se pode observar o autor descreve a avaliação como algo exclusivo da escola através de um julgamento. Enquanto que na visão de Vasconcelos (1993) a avaliação pode ser analisada mais consciente dos fatores que envolvem a avaliação da aprendizagem escolar.

Segundo Vasconcelos (1993).

A Educação é um processo que visa modificar a conduta dos estudantes, essas mudanças constituem os objetivos da educação (...) é parte integrante da elaboração do currículo que começa com o interesse pelos objetivos e termina quando se estabelece se estes foram alcançados (Vasconcelos, 1993:30)

De acordo com as idéias da autora compreende-se que a avaliação está voltada para os objetivos e interesses da educação visando modificar o compromisso dos estudantes.

Numa outra perspectiva, Melchior (1998:39), menciona que avaliação está intrinsecamente ligado aos indivíduos nela envolvidos e não somente a um determinado objetivo previamente estabelecido com relação apenas aos alunos e complementa.

A avaliação deverá ser realizada mediante a obtenção de informações precisas, em etapas sistemáticas, sobre os conhecimentos do indivíduo e de sua formação. Portanto é um processo holístico, não fragmentado, contextualizado no processo de ensino-aprendizagem, de forma democrática, onde todos os elementos envolvidos avaliam e não são avaliados (Melchior, 1998:39).

Segundo essa linha de análise seria ingenuidade pensar a avaliação como apenas um processo técnico. Ela é também uma questão política. Pode-se constituir um processo e um projeto em que o avaliador e avaliado buscam e sofrem uma mudança qualitativa.

Neste contexto Hoffmann (1995) aponta que:

Um os mais graves pecados do processo avaliativo na escola não é levar em conta as diferenças individuais dos alunos. Nesse modo a escola enfatiza a homogeneidade, a igualdade, a mesma ideologia para todos (Hoffmann, 1995:10)

Segundo Gardner Apud Hoffmann (1998), quando a escola encontra um aluno que não se enquadra a essa visão, logo o discrimina ou considera inapto às condições impostas pela escola.

De conformidade com Hoffmann (1998:14), a escola busca em primeiro lugar estabelecer uma tendência na qual a escola se transforme em uniforme “tratando todos os alunos da mesma maneira e aplicando-lhes o mesmo tipo de teste, é inadequado em termos científicos e ofensivos em termos éticos”.

Nesta perspectiva, o processo avaliativo poderia gerar a cooperação e a interdisciplinaridade na produção do conhecimento escolar, e assim, fornecer ao aluno condições para que ele possa crescer no processo de aprendizagem sem se considerar um fracasso ou a próxima vítima do castigo de reprovação, porque foi incapaz de alcançar os pontos necessários para a aprovação.

Sob este ponto de vista, Hoffmann (1998:11) diz que “a avaliação tem como objetivo facilitar a aprendizagem do aluno com os seus erros. Por isso é necessário que ele seja acompanhado na atividade de construir o conhecimento”. Nesse sentido, a avaliação, enquanto processo que orienta a aprendizagem, com caráter mediador, deve fornecer todo o *feedback* capaz definir se há necessidade de algum reforço para a aprendizagem do aluno.

Sabe-se por outro lado, que a avaliação mediadora é um processo contínuo, em que o professor, na sua ação cotidiana em sala de aula, procura interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes que os seus alunos vão adquirindo, tendo em vista os objetivos definidos no seu planejamento de ensino. A avaliação na visão de Hoffmann, (1998:12), portanto, “é o processo que media a aprendizagem na construção do conhecimento”, por isso, a avaliação deixa de ser um momento terminal no processo educativo (como hoje é concebido) para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades do conhecimento.

Cabe ao educador refletir sua prática e descobrir novos conceitos referentes à forma de avaliar para que proporcione uma maior participação de todos. De conformidade com o pensamento de Hoffmann, (1998).

A avaliação é uma reflexão transformadora da ação. A ação que nos impulsiona à reflexões permanentes do educador sobre a sua realidade e acompanhamento do educando na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo educativo, através do qual, educando e educadores aprendem sobre si mesmo a realidade escolar no ato próprio da avaliação (Hoffmann, 1998:12).

Neste aspecto Paro (2001) enfatiza que avaliar é identificar o estágio de compreensão e assimilação ao saber pelo educador, junto com as dificuldades que este encontra, bem como os fatores que determinam tais dificuldades, com vistas à adoção de medidas corretivas da ação. Assim observa-se que a avaliação é um processo onde se identifica o estágio de dificuldade em que se encontra o aluno para se adotar medidas de correção educativa.

Portanto, o que se busca é fornecer ao educando uma comunicação ativa que se possa reconhecer como um elemento importante do processo educacional da escola, sabendo ainda que o professor esteja na sala de aula para dialogar e ajudá-lo a alcançar o conhecimento necessário, para que ele possa desenvolver-se como um indivíduo apto e consciente de seus direitos e de sua cidadania.

Têm-se uma concepção autoritária e “bancária” de educação, como dizia Paulo Freire, força-se o aluno a se transformar num depositário do “tesouro do saber” que já descobrimos no período de nossa formação profissional e nos momentos em que preparamos as aulas. Por isso mesmo, não há necessidade de ele refazer o itinerário de descobertas das verdades que vamos lhes transmitir, tendo a mão o mapa da “mina”, plano de curso, geralmente elaborado sem nenhuma participação do aluno e a ele apresentado como caminho obrigatório, sem alternativa.

Na ótica de Freire Apud Romão (2003).

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicado” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem depósitos, guardá-los. (...) os alunos têm de se dotar de uma consciência constante a receber permanente os depósitos que o mundo lhe faz, e que se vão transformar em seus conteúdos (Freire apud Romão, 2003:66-71).

Essa concepção de educação desemboca, fatalmente, numa concepção de avaliação que vai se preocupar apenas como verificação dos “conhecimentos depositados” pelo professor no aluno, desconhecendo os procedimentos, instrumentos e estratégias utilizados pelo educando para absorção ou rejeição desses conhecimentos.

Ao contrário, a escola cidadã, na qual se desenvolve uma educação libertadora, o conhecimento não é estrutura libertadora, o conhecimento não é estrutura gnosiológica estática, mas um processo de descoberta coletiva, mediador pelo diálogo entre educador e aluno.

Para Freire Apud Romão (2003).

Não é sujeito cognoscente um, é sujeito narrador do conteúdo conhecido em outro. É sempre um sujeito cognoscente, quer quando se prepara, quer quando se encontra dialogicamente com os educandos. O objetivo cognoscível, de que o educador bancário se apropria, deixa de ser, para ele, uma propriedade sua para ser incidência da reflexão sua e dos educandos. Deste modo, o educador problematizador refaz, constantemente, seu ato cognoscibilidade dos educandos. Freire Apud Romão (2003:79).

Na educação libertadora, para Romão (2003:80) “a avaliação deixa de ser um processo de cobrança para se transformar em mais um momento de aprendizagem, tanto para o aluno quanto para o professor”. Não podendo, portanto, a avaliação escolar restringir-se a um de seus elementos de forma isolada.

De acordo com Dante (1997), a avaliação é um instrumento fundamental para fornecer informações sobre como está se realizando o processo ensino-aprendizagem como um todo, tanto para o professor e a equipe escolar conhecerem e analisarem os resultados do seu trabalho, como para o aluno verificar seu desempenho. E não simplesmente focalizar o aluno, seu desempenho cognitivo e o acúmulo de conteúdos para classificá-lo em aprovada, ou “reprovado”.

Além disso, ele deve ser essencialmente formativo, na medida em que cabe a avaliação subsidiar o trabalho pedagógico, redirecionando o processo ensino-aprendizagem para sanar dificuldades, aperfeiçoando-a constantemente.

A avaliação vista como diagnóstica, contínua e dinâmica torna-se um instrumento fundamental, para repensar e, reformular os métodos, procedimentos e as estratégias de ensino, para que realmente o aluno aprenda.

Nessa perspectiva, a avaliação deixa de ter o caráter classificatório, e simplesmente aferir acúmulo de conhecimentos para promover ou reter o aluno. Ela deve ser entendida pelo professor como um processo de acompanhamento e compreensão dos avanços, dos limites e das dificuldades dos alunos para atingirem os objetivos da atividade de que participam.



Assim, o objetivo da avaliação é diagnosticar como está se dando o processo ensino-aprendizagem, e coletar informações para corrigir possíveis distorções observadas nele. Por exemplo, se os resultados da avaliação não foram satisfatórios, é preciso buscar as causas. Pode ser que os objetivos foram superdimensionados ou que o problema esteja no conteúdo, na metodologia do ensino; nos materiais instrucionais, na própria forma de avaliar ou em algum outro aspecto. O importante é determinar os fatores do insucesso e reorientar as ações para somar ou minimizar as causas e promover a aprendizagem do aluno. Em resumo, avaliar para identificar os problemas e os avanços e redimensionar a ação educativa, visando o sucesso escolar.

Incidindo sobre os aspectos globais do processo ensino-aprendizagem, a avaliação oferece informações sobre os objetivos, os métodos, os conteúdos, os materiais pedagógicos, sobre os próprios procedimentos da avaliação, se houve ou não crescimento e envolvimento do aluno em todo processo, ou até mudanças de suas atitudes. Enfim, não procede mais pensar que o único avaliado seja o aluno, assim como, o seu desempenho cognitivo.

A ação avaliativa deve ser contínua e não circunstancial reveladora de todo o processo e não apenas de seu produto. E esse processo contínuo serve para constatar o que está sendo constituído e assimilado pelo aluno e o que está em vias e constituição. Cumpre também um papel de identificar dificuldades para que sejam programadas atividades diversificadas de recuperação ao longo do ano letivo, de modo que não se acumulem e solidifiquem.

Devido ser contínua e processual, a avaliação não pode ser simplesmente definida pela aprovação ou reprovação. A avaliação final representa um diagnóstico global do processo de vida, que servirá para o planejamento e a organização da próxima série. Todavia, pode ocorrer que algum aluno não consiga um desenvolvimento equilibrado em todas as dimensões da formação apropriada àquela série, dificultando a interação com sua turma de referência.

A decisão de conveniência ou não de mantê-lo mais um ano naquela série deve ser coletivo da equipe escolar, e não apenas de um professor. Leva-se em conta, nesse caso o desempenho global ao aluno e a pluralidade de dimensões que estão em jogo como os benefícios da manutenção do aluno com seus pares para a socialização e desenvolvimento equilibrado de habilidades, vivência e convivências. A permanência de algum aluno no ano

(ou ciclo) por mais um ano deve ser considerada uma situação excepcional e, de modo algum, uma prática escolar habitual.

Portanto, a avaliação é um elemento, uma parte integrante do processo ensino-aprendizagem, abrangendo a situação do professor, o desempenho do aluno e, também, os objetivos, a estrutura e o funcionamento da escola e do sistema de ensino. É algo bem mais amplo do que medir quantidade e conteúdos que o aluno aprendeu em determinado período.

Ela deve, assim, ser compreendida como: Elemento integrador entre aprendizagem e o ensino; Conjunto de ações cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para que o aluno aprenda da melhor forma; Conjunto de ações que busca obter informações sobre o que foi aprendido e como; Elemento de reflexão para o professor sobre sua prática educativa; Instrumento que possibilita ao aluno tomar consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades; Ação que ocorre durante todo o processo de ensino-aprendizagem, e não apenas em momentos específicos caracterizados como fechamento de grandes etapas de trabalho. 'Neste sentido, avaliar a aprendizagem, implica avaliar o ensino oferecido se, por exemplo, não há a aprendizagem esperada significa que o ensino não cumpriu a sua finalidade: a de fazer aprender (PCN, 1997).

Em decorrência de uma nova concepção pedagógica, a avaliação é amplamente discutida e abordada em todos os segmentos externo e interno da escola. Nos últimos anos, as escolas buscam redefinir o seu papel e sua função social. Elas estão elaborando os seus projetos educativos para nortear as práticas educativas o que repercute, conseqüentemente, na avaliação, uma vez que esta é parte indissociável do processo ensino-aprendizagem (Hoffmann, 1995). Desse modo, considerando que ao avaliar os seus alunos, o professor está também, avaliando seu próprio trabalho. Portanto, a avaliação está sempre presente na sala de aula, fazendo parte da rotina escolar. Neste sentido a responsabilidade do professor aperfeiçoar suas técnicas de avaliação.

A avaliação sendo considerada como elemento fornecedor de melhoria de qualidade da aprendizagem, deixa de funcionar como uma arma contra o aluno. É assumida, então como parte integrante e instrumento de auto-regulação do processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que os objetivos propostos sejam atingidos (Demo, 1999). A avaliação,

neste contexto, diz respeito não só ao aluno, mas também ao professor e ao sistema escolar, propiciando aos professores a oportunidade de refletir sobre a sua prática pedagógica, detectar possíveis falhas e, conseqüentemente, criar novos instrumentos de trabalho (Haydt, 1997).

### **1.3 Avaliação nos PCN'S e na LDB**

Os PCNs (1997) cuidam da avaliação como estratégia educacional que tem por propósito ser um “conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições”.

Com efeito, a avaliação passa a ser encarada como um meio para acompanhar a evolução da aprendizagem do aluno. Não se restringindo ao julgamento sobre o sucesso ou fracasso do aluno, mas empreendida como elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino, conjunto de ações cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para que o aluno aprenda da melhor forma, conjunto de ações que busca obter informações sobre o que foi aprendido e como: elemento de reflexão contínua para o professor sobre sua prática educativa; instrumento que possibilita ao aluno tomar consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades; ação que ocorre durante todo o processo de ensino e aprendizagem.

Nesta concepção, a prática avaliativa não pode se encontrar segregada do processo de ensino-aprendizagem e que sua eficácia reside na oportunidade de oferecer condições para que o professor avaliar criticamente a sua prática pedagógica cotidiana, bem como o desempenho dos alunos e que o processo possa ser modificado a medida que os pontos negativos sejam detectados.

Por outro lado, a prática avaliativa, para ensejar uma melhoria na prática educativa, deve ocorrer em um ambiente propício ao estímulo e desenvolvimento do aluno, a fim de que ele possa ampliar seu ponto de vista a partir de uma visão crítica da realidade que o cerca. Assinala como pontos importantes oportunizar os alunos a compreender como se realiza a

aprendizagem, ou seja, permitir que eles tenham consciência de como aprendem. Essa consciência permite que os alunos possam realizar atividades propostas com maior eficiência e autonomia. Nesse sentido, a avaliação precisa ser compreendida como reflexiva e automatizadora.

Ao propor essa visão, os PCNs afirmam a necessidade de se instituir na escola um modelo de avaliação mais preocupada com o processo de aprendizagem do aluno, e não, simplesmente, um receituário de notas para mensurar a quantidade intelectual do aluno.

No entanto, destacamos que parece impossível mudar o quadro atual da escola pública brasileira, tendo em vista que os professores precisam de um estímulo e melhores condições de trabalho para levar adiante um processo capaz de reestruturar as bases do ensino e da instrução educacional. Sem uma mudança significativa na valorização do professor, não será por decreto que a escola se transformará num lugar em que a avaliação e processo de ensino-aprendizagem caminharão no mesmo sentido, auxiliar o processo de aquisição de informações do aluno de maneira dialética e dialógica.

Neste sentido cabe ressaltar que os PCNs (1997) argumentam a necessidade de que a avaliação se realize em um espaço que dê condições para reflexão não só do professor como do aluno, porque só com a disposição desse espaço é quem pode ser:

Considerados aqueles que ensinam aquele que aprendem e a relação intrínseca que se estabelece entre todos os participantes do processo e aprendizado. Portanto, não se aplica apenas ao aluno, considerando unicamente as expectativas de aprendizagem, mas aplica-se às condições oferecidas para que isso ocorra: avaliar aprendizagem implica também avaliar o ensino oferecido (PCNs, 1997:88).

Quando o professor se preocupa em orientar sua prática pedagógica no sentido de desenvolver as potencialidades do aluno, de modo que ele, aos poucos, vá construindo o conhecimento, a avaliação, em vez de atribuir pontos e notas, passam a ser considerados numa dimensão mais ampla. Vista como processo, a avaliação não se restringe a um momento final de verificação, mas que permeia toda a ação pedagógica.

## CAPÍTULO II

### ANÁLISE DOS DADOS

#### 2.1 Estudo de Caso

Segundo Matos (2001), o estudo de caso é um procedimento muito utilizado quando é selecionado apenas um objeto de pesquisa, obtendo assim grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos.

Trata-se de uma forma de investigação bastante utilizada nos cursos de pós-graduação, sobretudo pela facilidade operacional que proporciona. A alternativa de utilizar uma amostra reduzida faz com que essa modalidade de pesquisa se apresente como uma das mais populares entre os investigadores.

O estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados (Gil, apud Matos, 2001). De acordo com o autor citado a observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. Para ser considerada eficaz para a pesquisa científica, temos de observar, compreender o que é essencial e fazer o registro.

Convém ressaltar que é de fundamental importância que o Estudo de Caso se concretize de forma eficaz e que o investigador tenha as habilidades desejadas para extrair do caso as informações relevantes através de procedimentos fortemente baseados na percepção e na capacidade analítica, sendo indispensáveis características como a de ser capaz de formular boas questões e de interpretar as respostas, além de ser bom ouvinte e não ficar prisioneiro de seus preconceitos, sendo adaptativo e flexível sem perder o rigor.

Buscou-se identificar o processo de avaliação vivenciado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Laurentino José da Silva, no município de Mato Grosso – PB e responder as

questões inicialmente formuladas nesta pesquisa, desenvolvendo os procedimentos para uma ação supervisora que possa modificar e aprimorar o trabalho docente.

A unidade escolar foi legalizada através do decreto de nº. 10/2001, de 09 de julho de 2001, que fica localizada no Sítio Logradouro I na parte Sul da zona rural da cidade do Mato Grosso, ficando a 6 km da sede da cidade. É composta das seguintes dependências: duas salas de aula, que possuem uma boa dimensão e são bem arejadas; dois banheiros; uma cozinha e a secretaria.

A equipe administrativa consta de quatro professores (todos com magistério e alguns cursando o ensino superior), duas pessoas na direção da escola, sete auxiliares de serviço geral, a parte pedagógica é apoiada pela equipe da Secretaria de Educação, o quadro docente vem tanto da zona rural como urbana. A escola oferece os seguintes níveis e modalidades de ensino: Educação infantil, Ensino Fundamental (de 1º ao 4º ano) e o EJA.

Foram sujeitos desta pesquisa 3 (três) professores, 13 (treze) alunos e 1 (um) gestor escolar, totalizando 17 sujeitos. Os instrumentos que deram suporte ao estudo foram: pesquisa bibliográfica, observação em sala de aula, questionários (em Anexo). Ensino Fundamental Laurentino José da Silva, com as turmas de 2º e 3º ano.

O objetivo destas entrevistas era captar, através das falas dos professores, alunos e gestor, como é feita a avaliação na sala de aula, se é uma avaliação contínua, onde os alunos são avaliados cotidianamente e não apenas na medição do conhecimento dos alunos para obtenção de uma nota. Inicialmente foram aplicados os questionários aos professores e ao gestor, que se mostraram bastantes favoráveis em participar da pesquisa, onde um clima de cordialidade e confiança foi estabelecido entre todos. Em seguida, pediu-se aos professores que aplicasse um questionário também aos alunos. Foram recolhidos os questionários para serem analisados. Operacionalizando esta pesquisa foi utilizado como ponto referencial idéias de alguns estudiosos do assunto, tais como: Luckesi, Demo, Romão, Hoffmann e outros, preocupados com a avaliação escolar.

## 2.2 Análise dos Questionários dos Professores

De acordo com as respostas dos professores, os métodos avaliativos mais utilizados em sala de aula são provas, trabalhos em grupo e seminários. Alguns depoimentos dos professores entrevistados: “Prova, trabalhos em grupo e seminários”; “Exercícios orais e escritos, trabalhos em grupo e atividades com materiais concretos”.

O momento de avaliação ainda continua sendo visto isolado dos aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores, o que deixa de lado muitas oportunidades que surgem no dia-a-dia e que poderiam ser avaliadas com melhores resultados.

Os professores gostariam que suas metodologias de avaliação fossem um processo contínuo de aprendizagem, onde o professor avalia os alunos diariamente, e não só objetivando obter uma nota. Alguns depoimentos dos professores: “Como uma avaliação contínua em que o professor avalia os alunos todos os dias”; “Eu gostaria que fosse visto como um meio de aprendizagem e não simplesmente pela nota”.

Pode-se observar, a partir dos relatos, que há um desejo dos professores por uma nova forma de avaliação, não só a preocupação com as notas, mas que se possa acompanhar o desenvolvimento dos alunos no dia-a-dia, que seja uma avaliação contínua, permitindo uma melhor aprendizagem dos alunos.

Com relação aos tipos de avaliação que melhorariam a aprendizagem dos alunos, cada professor colocou uma opinião diferente: “Sempre depois das aulas explicativas fazer atividades orais e individuais”; “apresentação de trabalho em grupo”; “Através de participação, conhecimento e entendimento do aluno dentro do conceito escolar de cada aluno”.

De acordo com esta perspectiva, deve-se valorizar na sala de aula o processo de aprender a aprender, a formação das capacidades, o desenvolvimento da criatividade pessoal e do reconhecimento do outro como sujeito, a criação de atividades que privilegiem o conhecimento e por fim, a possibilidade de verificar o desempenho dos alunos nas diversas práticas escolares, para encadear sempre correções de rumo e o replanejar.

Observando as respostas dos professores, existe uma concepção de avaliação com método de analisar e verificar o desempenho e conhecimento de cada aluno. Alguns depoimentos dos professores: “Avaliar é buscar o conhecimento do aluno através de habilidades, atitudes, trabalhos, argumentação. E também é uma análise dos erros como caminho para o aluno procurar a verdade”; “É um meio pelo quais os alunos mostram aquilo que aprenderam”; “Avaliar é analisar e concluir o desempenho e o conhecimento de cada aluno”.

A partir destas respostas, é possível analisar, questionar e replanejar as nossas formas de avaliação. A avaliação só fará sentido se procurar compreender o educando no saber-fazer, transformando todo processo pedagógico em ensino-aprendizagem.

A avaliação é um elemento, uma parte do processo ensino-aprendizagem, abrangendo a situação do professor, o desempenho do aluno e, também, os objetivos, a estrutura e o funcionamento da escola e do sistema de ensino. E algo bem mais amplo do que medir quantidade e conteúdos que o aluno aprendeu em determinado período

### **2.3 Análise dos Questionários dos alunos**

Observando as respostas dos alunos com relação aos métodos utilizados pelos seus professores para avaliação, todos responderam que os métodos utilizados são as provas e os trabalhos em grupo.

Todos os alunos responderam que gostam da forma como e avaliado e não propuseram nenhuma mudança na forma como são avaliados pelos professores.

Com relação à metodologia utilizada pelos professores para se abordar os conteúdos em sala de aula, todos responderam que é através de anotações, exposição escrita e oral e aulas expositivas.

No sistema educacional, hoje, só o aluno é avaliado, é usual atribuir a ele as causas do seu bom ou mau desempenho escolar, ou seja, de todos os integrantes da escola, só o aluno é



sistematicamente avaliado. E isso é tão comum, que os alunos mesmos se adequam, se conformando com essa situação de ser ele somente avaliado, sem ao menos reclamar ou exigir mudanças por parte dos professores e dos gestores da escola. Para o aluno, a avaliação é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades para reorganização de seu investimento na tarefa de aprender.

A avaliação, neste contexto, diz respeito não só ao aluno, mas também ao professor e ao sistema escolar, propiciando aos professores a oportunidade de também refletirem sobre suas práticas pedagógicas, detectando assim, possíveis falhas e, conseqüentemente, criar novos instrumentos de trabalho.

#### **2.4 Análise do Questionário do Gestor**

De acordo com as respostas do Gestor da escola (G.A), com relação à necessidade de realizar o processo avaliativo com os alunos, ele respondeu que se faz necessário sim, pois é através do processo avaliativo que se analisa o conhecimento de cada aluno. E a avaliação traz benefício tanto ao aluno – ajudando-o a aprender - quanto aos professores – ajudando-o a ensinar.

Com relação às contribuições que o Gestor pôde trazer para ajudar o professor no melhor desempenho em sala, G.A. respondeu que ajuda os professores buscando informações, dando sugestões e apoiando quando fosse necessário.

Para G.A. a melhor forma para avaliar é observando o desempenho, a necessidade e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. E os critérios que devem ser levados em conta no momento da avaliação é analisar, atender, acompanhar e observar o conhecimento adquirido pelo aluno.

Diante dos resultados, observa-se que o Gestor exerce um papel importante dentro da instituição escolar, isso porque juntamente com o professor decidem estratégias de atividades de ensino, forma estratégias e implementação de conteúdos e diretrizes curriculares.

No seu trabalho o Gestor sempre deve procurar aplicar normas de relações humanas para relacionar-se e trabalhar com profissionais e demais pessoas envolvidas no processo educativo, respeitando a personalidade e a maneira de ser de cada membro do grupo, incentivando o diálogo, a discussão em bases democráticas de maneira em que todos possam sentir-se à vontade e cooperar espontaneamente com o trabalho do grupo.

## **2.5 Análise do Estágio**

O estágio foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Laurentino José da Silva, no município do Mato Grosso, com uma turma 12 alunos de 2º ano do ensino fundamental. Visando proporcionar o domínio dos conteúdos de matemática, iniciei o estágio mostrando os objetivos e a importância do seu desenvolvimento, e que as aulas iam ser mais divertidas, com brincadeiras, jogos, dinâmicas, bingos, etc. Mediante o exposto, as crianças mostraram-se curiosas e fizeram várias perguntas como:

- O que irá acontecer essa semana?

- De que forma iremos trabalhar?

Logo após os comentários realizamos a dinâmica do nome, onde cada um se dispôs com muita empolgação. Foi um momento prazeroso, onde eles mostraram total interesse pelas atividades apresentadas. O objetivo dessa atividade é fazer com que o aluno aprenda, e perceba que a matemática está presente em nossas vidas e não apenas no dia a dia em sala de aula.

Traçado os objetivos, é primordial que o professor saiba qual o domínio que os educandos têm sobre os conteúdos a serem explorados para uma maior compreensão das possíveis dificuldades que possam vir a surgir.

Desse modo, os PCN's (1997:63) dizem que:

É importante salientar que partir dos conhecimentos que as crianças possuem não significa restringir-se a eles, pois é papel da escola ampliar esse universo de conhecimentos e dar condições a elas de estabelecerem vínculos entre o que conhecem e os novos conteúdos que vão construir, possibilitando uma aprendizagem significativa. (PCN's, 1997:63)

Após expor para turma os objetivos a serem alcançados, percebe-se mais claramente o interesse da mesma, onde os alunos mostravam-se cada vez com mais vontade de aprender e participar. Durante o período de estágio, foram trabalhadas as operações: adição e subtração, além das figuras geométricas, medidas, tabelas e gráficos, entre outros, onde todos os conteúdos eram passados de forma dinâmica e simples, levando-os a uma fácil compreensão.

No segundo dia, depois da oração informei a turma que as aulas de matemática iam ser mais divertidas, com brincadeiras, jogos, dinâmicas, bingos, etc. eles ficaram ansiosos, todos falavam ao mesmo tempo.

No terceiro dia, fiz um bingo, onde todas as crianças participaram ativamente, como se fosse de verdade, todos queriam ganhar. Foi bem divertida e proveitosa a aula.

No quarto dia trabalhamos as operações: adição e subtração, onde foram discutido com os alunos as diferenças entre a representação de quantidade utilizando o material dourado. Cada dia que passava com as aulas diferenciadas notamos mais aproveitamento metodológico por parte da turma, e também um melhor comportamento dos alunos, prestando mais atenção.

No quinto dia foi feita uma visita a um supermercado, onde alguns procuravam saber os preços e iam fazendo as contas. Alguns não conseguiam fazer as contas, pois é uma turma do 2º ano. E outros levavam na brincadeira.

Na segunda semana de estágio já foi bem melhor de trabalhar, pois a turma já estava entendendo melhor. E as outras pessoas que trabalhavam na escola me davam todo apoio.

No sexto dia iniciamos a aula com uma dinâmica de “juntar as metades”, depois trabalhamos os Algarismos: “compreensão de quantidades” durante a aula observei as

experiências das crianças. Brincamos de quebra-cabeça de quantidade e jogos de memória. É muito interessante para as crianças realizar atividades concretas.

No sétimo dia iniciamos as aulas com uma música, eles adoraram. Depois organizamos a turma em grupos e trabalhamos com figuras geométricas foram exploradas as diferentes posições, formas e tamanhos, foi utilizado o *tangran*, onde as crianças criaram varias figuras.

No oitavo dia de estágio iniciamos a aula com uma dinâmica de “passar a caixa”. Sempre gosto de trabalhar com uma dinâmica, pois a turma se interessa mais. Depois trabalhamos “calculando gastos”, primeiro explicamos como seria a aula, depois os ensinamos a manusear a calculadora. Levamos moedas e notas de papel e fiz uma simulação de compras e vendas, envolvendo preços e trocas, houve uma aprendizagem muito boa.

No nono dia a aula começou com a brincadeira das cadeiras, depois levamos a turma para fora da sala de aula, onde trabalhamos medidas; explicamos o que eles iriam fazer e como fazer, pedimos para eles medirem a escola com régua, metros ou barbantes. Todos mediram de uma forma e foi um trabalho bem desenvolvido.

No décimo dia trabalhamos tabelas e gráficos, organizamos a turma em grupos. Cada grupo construiu o seu gráfico e depois foi feita a comparação com o gráfico dos outros grupos. Foi uma aula onde houve a participação de todos e com bom rendimento de todos.

Durante todo o estágio foram realizadas atividades que possibilitaram o conhecimento do alunado, para que estes passassem a perceber que a matemática não está alheia a vida em sociedade. Foi através das atividades propostas que eles passaram a perceber certa “familiaridade” com os números. Procurava-se nas atividades de fixação trabalhar tais assuntos de forma interessante e motivadora, com o intuito de trazê-los para as atividades de forma que conseguissem assimilar com mais facilidade os conteúdos estudados, conseqüentemente, verificar o nível de aprendizagem do alunado. Notamos que a aprendizagem dos alunos ficou bem melhor, devido as aulas estarem bem mais divertidas, levando coisas mais concretas, onde os alunos podiam ver, manusear instrumentos que melhoraria, fixando melhor os assuntos ensinados.

Justamente esta metodologia empregada possibilitou aos alunos que melhor contribuía para uma aprendizagem, promovendo maior interesse e atenção da turma. Mesmo os alunos que não estavam muito interessados tiveram um bom rendimento. Adorei o estágio, pois também me possibilitou como educadora um melhor rendimento e uma melhoria no meu trabalho, vendo como eu posso ajudar mais e mais minha turma, trazendo o teórico para mais perto dos alunos, transformando em prática, fazendo com que eles aprendessem mais facilmente e com maior interesse. Dessa forma, meu trabalho também melhora, pois meu maior interesse como educadora é ver que os alunos estão se saindo bem, estão aprendendo de verdade e colocando em prática o que aprendem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término deste trabalho que relata um estudo profundo sobre a avaliação constata-se que avaliar não é medir o que o aluno não sabe, e sim verificar o que assimilou, observando de que forma o aluno apresentou soluções para os problemas. Não adianta buscar impetuosamente o erro, surte muito mais efeito na aprendizagem, a análise da tentativa de acerto feita, em conjunto pelo professor e o aluno.

Cada professor tem o seu método de avaliação. Às vezes, a própria escola estabelece os critérios; todavia, é importante ressaltar que os resultados da avaliação é também uma forma do professor avaliar sua atuação no processo ensino-aprendizagem, pois, o aluno não pode e nem deve ser o único alvo do processo de avaliação. Como educadores, temos a responsabilidade de sempre nos avaliar e permitir ser avaliados continuamente.

De acordo com os questionários aplicados aos professores podemos observar que os métodos de avaliação dos mesmos ainda deixam a desejar, a avaliação continua como uma forma de medir o conhecimento do aluno, uma avaliação classificatória, somatória e contínua.

Dentro do processo de avaliação é essencial acompanhar de perto o desenvolvimento do aluno e detectar, com rapidez, as atividades, as habilidades e os conteúdos que devem ser replanejados, utilizando novas estratégias.

Em síntese, é necessário que os educandos dissociem o processo avaliativo da sensação de culpa pelos possíveis fracassos. É preciso uma nova compreensão para que fique bem claro o objetivo da avaliação: observar os acertos, verificar o que se aprendeu recuperar os conteúdos ainda captados, adotando uma perspectiva progressiva de avaliação, ainda pouco praticado nas escolas.

Nesse sentido, após as análises e reflexão verificamos a necessidade de uma melhoria na qualificação do professor, não só em relação aos aspectos técnicos, mas na conscientização de que a avaliação só tem sentido se promover uma aprendizagem eficiente. As leituras, as reflexões, as discussões não se esgotam aqui; ao contrário, incentivam-me a avançar ainda

mais em conjunto com os colegas de trabalho no sentido de reforçar minha atividade pedagógica e subsidiar eficazmente a prática avaliativa na compreensão de que o estudo teórico é necessário, bem como efetuar sua aplicabilidade no dia-a-dia da escola.

Assim, é papel da escola buscar seu critério de avaliação, abrindo um espaço de liberdade e confiança, cuja postura metodológica do professor seja geradora de estímulos favoráveis à construção do conhecimento do aluno.

Estamos conscientes de que a avaliação constitui um instrumento bastante complexo que deve ser utilizado como auxílio do trabalho didático e não como algo destrutivo e inibidor da aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental – Parâmetros Curriculares nacionais: Introdução ao Parâmetros Curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DANTE, L.R. Didática da resolução de problemas de Matemática. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- DEMO, Pedro. Avaliação Qualitativa. São Paulo: Cortez, 1987.
- \_\_\_\_\_. Desafios modernos da educação. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. Pesquisa: princípio científico e educativo 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- \_\_\_\_\_. Mitologias da Avaliação: de como ignorar em vez de enfrentar problemas. Campinas: Autores Associados, 1999.
- HAYDT, R. C. Avaliação do processo Ensino-aprendizagem. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- HOFFMANN, Jussara. Avaliar para Promover: as Setas do Caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- \_\_\_\_\_. Educação e Realidade. Porto Alegre: mediação, 1991.
- \_\_\_\_\_. Avaliação, Mito e Desafio. Porto Alegre: mediação, 1994.
- \_\_\_\_\_. Avaliação mediadora. Porto Alegre: 1995.
- \_\_\_\_\_. Pontos e Contra pontos do pensar ao Agir em Avaliação. Porto Alegre: Mediação, 1998. Internet. <http://www.ufrgs.br/tramse/med/textos/>. Em 30/08/2007
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIMA, Adriana de Oliveira. Avaliação Escolar: Julgamento de Construção? 4ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1995.
- LUCKESI, C. C. Prática Docente e Avaliação. Rio de Janeiro: ABT, 1990.
- \_\_\_\_\_. Avaliação da Aprendizagem Escolar. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MATOS, Kelma Socorro. Pesquisa Educacional. O prazer de conhecer. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, UECE, 2001.
- MELCHIOR, Maria Celina. O Sucesso Escolar através da Avaliação e da recuperação. Nova Hamburgo: s/ed., 1998.



PARO, V. H. Reprovação Escolar: renúncio à educação. São Paulo: Xamã, 2001.

ROMÃO, E. J. Avaliação dialógica: Desafios e perspectivas. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SANT'ANNA, Ilza Martins. Por que Avaliar? Como Avaliar? Critérios e Instrumentos. Petrópolis – RJ: Vozes, 1995.

SOEIRO, Leda & AVELINE, Suelly. Avaliação Educacional. Porto Alegre: Sulina, 1982.

VASCONCELOS, Celso. Avaliação: concepção dialético-libertadora do processo de avaliação escolar. In Cadernos Libertad. São Paulo: Libertad, 1993.

## **ANEXOS**

## Questionário para o/a Professor/ra

Nome:

Tempo de atuação na educação:

Tempo de atuação como professor:

Formação profissional:

Como você gostaria que fosse visto as auto-avaliações e as metodologias utilizadas na sua prática pedagógica?

Quais os tipos de avaliação que você atribuiria para melhorar a aprendizagem do aluno?

Que instrumento você utiliza para avaliar os seus alunos?

Prova oral

Prova escrita

Seminário

Outros? Quais? \_\_\_\_\_

Em qual desses tipos de avaliação sua prática pedagógica se aproxima? Justifique sua resposta

Classificatórios

Dialógica

Diagnóstica

4. O processo avaliativo aplicado por você, interfere ou contribui para aprendizagem do seu aluno? Justifique sua resposta

Sim

Não

Talvez

5. Você corrige as tarefas de seus alunos?

Sim

Não

Para quê?

## **Questionário para Gestor**

**Nome:**

**Formação profissional:**

**Tempo de atuação na educação:**

**Tempo de atuação como gestor:**

1. É necessário realizar o processo avaliativo com os alunos? Dê sua opinião:
2. Quais as contribuições que a avaliação traz para o professor e o aluno?
3. No que você pode ajudar o professor para que ele desempenhe-se melhor na sala de aula?
4. Em sua opinião, qual a melhor forma para se avaliar?
5. Que critérios devem ser levados em conta no momento da avaliação?

## Questionário para os alunos

**Nome:**

**Idade:**

**Escola:**

**Série:**

1. Que método seu professor utiliza para lhe avaliar?

prova       trabalho em grupo       debate

2. Você gosta da forma que é avaliado?

3. Que mudanças você propõe na forma de avaliação usada pelo seu professor?

4. Qual a metodologia você gostaria que fosse utilizada para dar notas nos conteúdos ensinados pelo/a professor/a?